

Referência: Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde / Roseni Pinheiro, Ricardo Burg Ceccim e Ruben Araujo de Mattos, organizadores. 2. ed. - Rio de Janeiro: IMS/UERJ: CEPESC: ABRASCO, 2006. 336 p. ISBN 85-9737-35-7.

Ensinar Saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde

A P R E S E N T A Ç Ã O

ROSENI PINHEIRO, RICARDO BURG CECCIM
E RUBEN ARAUJO DE MATTOS

A idéia de realizar uma pesquisa sobre experiências de ensino da integralidade em saúde na formação de profissionais para esse setor surgiu das inquietações e discussões relativas à produção de conhecimento científico e à formulação de políticas públicas, reunindo um coletivo de profissionais e pesquisadores para refletir sobre as maneiras de ensinar saúde no país. Esse desejo se desdobrou numa proposição de investigação, fruto da experientiação desse coletivo com práticas acadêmicas cotidianas, seus limites, possibilidades e desafios; formar profissionais com o compromisso ético-estético-político de afirmação da vida, capazes de articular saberes e práticas científicas de modo contextualizado, e que tenham ao mesmo tempo a sensação de pertencer à produção da contemporaneidade.

No caso da saúde, identificamos uma história de lutas da sociedade brasileira, liderada pelo movimento de reforma sanitária que, em 1988, consagrou na carta magna brasileira a garantia da saúde como um direito de cidadania, a ser institucionalizado pelo Sistema Único de Saúde (SUS). Além de ser o território de atuação profissional em saúde, o SUS representa o maior mercado empregador desses trabalhadores no país e a maior concentração e diversificação de cenários de ensino-aprendizagem da área.

Com esses pontos de partida surgiram várias perguntas. Como identificar e analisar experiências de ensino da integralidade, quando os núcleos específicos que compõem as práticas profissionais estão historicamente marcados pela descontextualização sociocultural de suas ações, pela

fragmentação de seus conhecimentos e por uma institucionalização técnico-científica pautada por procedimentos diagnósticos e terapêuticos privativos e por localizações corporativistas? Como identificar, na formação em saúde, elementos que possam nos oferecer “inovações político-pedagógicas e de práticas educativas” capazes de ser apreendidas por todas as profissões da saúde no sentido do seu crescimento ético-político-institucional? Que conceitos, noções e campos de conhecimento poderiam ser articulados como solo epistemológico para as interrogações sobre as práticas de ensino orientadas pela integralidade e uso da integralidade como eixo organizativo teórico-metodológico nos planos de ensino, projetos de pesquisa e gestão da intervenção em saúde? Por fim, que afinidades metodológicas e exercícios analíticos permitiriam explorar experiências reais em seu potencial inovador, sem localizar universais de certeza, mas pistas, disparadores ou circuitos de transformação das políticas de ensino da saúde?

Diante desses questionamentos, optou-se por construir uma pesquisa exploratória, com um corpo mestiço de saberes e uma diversidade de práticas metodológicas, que permitisse identificar o potencial inovador das experiências a serem analisadas, não anulando a natureza nômade de seus efeitos e repercussões no cotidiano dos atores implicados no processo de formação. Nomadismo entendido como recriação permanente, com o qual a pesquisa se identificasse, configurada como uma prática social criadora e que, ao menos, como nos ensina Ferla (2002, p. 14), não paralisasse sua produção e ousadia pela perseguição do método correto, pela busca de resultados verdadeiros e universais e pela aflição com o risco de não aplicar corretamente os conceitos, como se eles fossem as regras da gramática escolar. Enfim, que não temesse as “reações adversas” dos tensionamentos produzidos com a “economia política da verdade vigente” (FOUCAULT, 1989) com a qual se depararia, com certeza.

Longe de descrever todas as nuances e detalhes que marcaram o percurso da pesquisa³, esta coletânea busca compartilhar a experiência – práxis – da pesquisa por seus pesquisadores, com rigor ético e disciplina científica, destacando os movimentos de produção da integração e convergência de olhares e leituras. Desde diferentes vertentes conceituais ou origens institucionais e profissionais, a pesquisa

produziu um projeto comum alimentado por vivências e pelo objetivo comum de contribuir com uma nova gramática na discussão e compreensão dos processos pedagógicos por sua interface com a integralidade e o trabalho no SUS.

A motivação permanente foi contribuir para o desenvolvimento de práticas educativas mais porosas aos contextos da vida nos locais nos quais se inserem, capazes de formar profissionais imbuídos de práticas cuidadoras em saúde, com respeito à pluralidade e à singularidade dos processos de viver. Nestes se incluem adoecimentos e demandas por atenção de saúde, nas quais o usuário ocupa o centro da atenção, numa perspectiva dialógica, cuja natureza ética permita transformar o trabalho e os trabalhadores em atores ativos de invenção de sua existência e dos coletivos humanos.

A coletânea está dividida em quatro partes. Na primeira, são apresentadas as perspectivas teórico-conceituais, a singularidade das formas da pesquisa e a trajetória de sua operacionalização. Nesta são apresentados alguns dos embasamentos da pesquisa, as noções de experiência, formação, conhecimento e cuidado, com os quais se articulam conceitos, percepções e sensações porosas e acolhedoras das práticas de ensino e organizadoras do solo epistemológico da pesquisa. A seguir, é explicitada a proposição da observação sistemática própria da pesquisa, uma matriz construída para a análise das experiências de integralidade no material empírico observado/coletado, assim como para explicitar as afinidades metodológicas e ordenar rotas analíticas (caminhos de pensamento). Por fim, a operacionalização da pesquisa, sua trajetória e definição de fio condutor e as ferramentas utilizadas.

Na segunda parte são problematizadas as idéias de ensino, produção de conhecimento, práticas cuidadoras e transdisciplinaridade, eixos tematizadores da realização desta e de outras pesquisas sobre a integralidade ou o ensino da integralidade, exploradas por pesquisadores e colaboradores da área do ensino e pesquisa em saúde coletiva, com o intuito de oferecer subsídios para a construção de proposições investigativas.

Na terceira parte estão as rotas analíticas, como eixos transversais nucleadores dos resultados e evidências da

pesquisa, dando vigor a uma dimensão “molecular” das práticas, com a qual é apresentada uma leitura possível sobre o modo de ensinar a integralidade em saúde, segundo o modo como atores do cotidiano do ensino universitário de graduação refletem/vivenciam/reproduzem/criam práticas de ensino nas dez experiências estudadas.

Por fim, na quarta parte, são apresentadas as experiências “Transformação na graduação em enfermagem da UERJ” e “Currículo de medicina da Universidade Federal Fluminense: revisitando uma experiência”, que serviram à formulação teórica e metodológica da pesquisa sobre o ensino em saúde orientado pela integralidade, uma vez que contribuía para construir olhares, escutas e leituras convergentes diante da compreensão de seus movimentos de transformação e dos estranhamentos atuais resultantes da construção de uma práxis de pesquisa.

Uma seção de anexos foi inserida para abrigar os instrumentos e dispositivos de operacionalização da pesquisa e a cartografia das experiências, isto é, a relação dos relatos inscritos na convocatória para esta investigação, os relatos selecionados para interpretação de possibilidades da realidade brasileira e o mapa da síntese interpretativa resultante dessa seleção.